

Feliz Ano Novo, Antonio Candido:

cultura e política na pequena história de uma correspondência modesta

João Roberto Maia¹

Gostaria de responder a certa pergunta que nunca me fizeram. Suponhamos que você, leitor, me perguntou: houve na sua vida acontecimentos impossíveis de esquecer nas proximidades da virada do milênio, entre os anos 1999 e 2000? Para responder eu não precisaria exigir muito da memória, pelo menos quanto a um fato e a certa iniciativa minha: naquele período conheci pessoalmente Antonio Candido e ainda iniciei correspondência inesperada com ele, mantida ao longo de 15 anos.

Em 1998 eu, um doutorando em Letras Vernáculas na UFRJ, conversava muito com alguém que, naquele mesmo ano, conhecera nas aulas e seminários de disciplina de doutorado em Teoria Literária; ele que é hoje o meu amigo de mais longa data: Luis Alberto Nogueira Alves. Na verdade, desde nosso primeiro encontro, creio que percebemos que nossa conversa apenas se iniciava e não terminaria logo. Conversa para muitos anos. Após a apresentação do curso, dos livros e autores a serem debatidos nos seminários, depois que cada aluno fez pequena apresentação de sua trajetória acadêmica, escolhendo em seguida seu tema para exposição, e logo que se encerrou o encontro inicial entre o professor e os alunos, Luis Alberto me procurou porque nossos interesses de estudo pareciam bastante convergentes. Tínhamos em comum o que talvez nos diferenciasse de todos os outros inscritos na referida disciplina: para nós, para a construção de nosso percurso como professores e pesquisadores, a reflexão de Antonio Candido e a de Roberto Schwarz eram não apenas importantes, mas centrais. Tratava-se de uma centralidade que não víamos, ao menos na época, como algo comum na Faculdade de Letras da UFRJ. Ao contrário, não encontrávamos lá muitas possibilidades de ampliar a interlocução a respeito de Candido e Schwarz. Não digo que éramos os únicos para os quais os dois grandes críticos realmente importavam. Mas nosso apreço pela crítica literária dialética não deixava de ser uma espécie de isolamento, algo que nos diferenciava da maioria de nossos colegas do doutorado. Anos mais tarde, quando fomos apresentados a outro autor indispensável para entender o “sentimento da dialética” na obra daqueles mestres, o filósofo Paulo Arantes, este traduziu, a seu modo brincalhão e com certo ânimo provocador, o isolamento que sentíamos: disse que nós estávamos entre aqueles jovens universitários que, no Rio, liam “Antonio Candido escondidos”.

Começava ali uma parceria com o Luis Alberto que se mantém há vinte e dois anos (como eu disse, logo vimos que nossa conversa teria de ser longa). Lembro que o seminário dele na disciplina de doutorado foi sobre alguns textos fundamentais de Candido, entre os quais “Literatura e subdesenvolvimento”. Ainda hoje tenho os papéis que ele entregou a cada aluno do curso com o resumo de sua exposição. Um pouco mais tarde, já como professor da UFRJ, Luis Alberto me convidou e ministramos juntos vários

¹ Doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professor e pesquisador da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

cursos de mestrado e doutorado em Teoria Literária. Na maior parte dessas aulas, elaboradas e realizadas em colaboração permanente, nos esforçamos para debater com os mais jovens ideias e análises, salientar o alcance da concepção de sistema literário, bem como a atualidade das reflexões sobre o Brasil em textos seminais de Antonio Candido. Depois a parceria se ampliou. Juntou-se a nós Victor Manuel Ramos Lemus para participar dos cursos. Ele logo se tornou outro amigo dileto, igualmente apreciador dos desafios da dialética e, assim como o Luis, professor na mesma Faculdade de Letras. Nascido na Cidade do México, mas que se sente carioca como *nosotros*, Victor é “o brasileiro mais mexicano” que conhecemos, como ele gosta de referir-se a si mesmo.

Alguns encontros na vida têm sorte. Podem acontecer, por exemplo, em convergência insuspeitada com certa ocasião que logo lhes aumenta a solidez. Para nós, Luis e eu, o concerto secreto das circunstâncias revelou-se já no ano seguinte ao de nosso encontro. Concluimos que 1999 nos abria uma oportunidade que não poderíamos perder nem em pesadelo: naquele ano o livro *Formação da literatura brasileira* tornava-se quarentão, mas muito bem de saúde, com todos os seus fôlegos intactos. Pois é: os 40 anos da publicação do livro de “sete fôlegos”, como precisamente o qualificou Schwarz, davam-nos possibilidades de promover debates de que, ao menos para nós, carecia a Faculdade de Letras da UFRJ. Além disso, o bem-vindo aniversário nos incitava a entrar em contato com o próprio Antonio Candido para convidá-lo a dar palestra para os alunos no Fundão. Era nossa bem acalentada ousadia de, passe a licença poética, jovens (já trintões, na verdade).

Mais expedito do que eu, Luis tomou a iniciativa de conversar com várias pessoas e dessas conversas surgiram os nomes daqueles que poderiam participar do “Seminário 40 anos de *Formação da literatura brasileira*” na nossa Faculdade. Nós organizamos o evento, o qual ocorreu em outubro de 1999. Além de alguns professores da casa, André Bueno, Ronaldo Lima Lins e Luiz Edmundo Coutinho, o Seminário contou com os saudosos Leandro Konder e Carlos Lessa. Entre outros participantes, cito Paulo Arantes, Luiz Augusto Fischer, Iumna Simon, Vinicius Dantas, Fernando Gil. Não posso dar aqui sequer uma pálida ideia de quão instigantes foram os debates. Digo apenas que eles foram o ponto de partida de muitos outros trabalhos coletivos cujo norte é a fecunda ideia candidiana de “formação”: seminários, simpósios, ciclos de palestras, grupo de pesquisa, livros etc. Se tudo “germina autêntico é depois” (Guimarães Rosa), afirmo que a partir daquele encontro muita coisa realmente germinou autêntico. E ainda germina.

Não pretendo fazer suspense, mas ainda não contei algo que nos aconteceu antes – e ainda melhor – naquele mesmo ano, para nós da graça em versão laica, de 1999. Apenas alguns telefonemas foram suficientes para acertarmos nosso primeiro encontro com Antonio Candido. Sem nunca ter ouvido falar a nosso respeito (o que não admira), ele aceitou nos receber em seu apartamento para conversarmos sobre o livro que publicara há quarenta anos e o que estávamos programando para a efeméride – e aceitou já no primeiro telefonema que lhe fez Luis (o que não deixou de nos admirar). Quando pessoalmente registrei o quanto sua aceitação imediata me surpreendeu e aumentou minha admiração, Candido respondeu com brevidade, como a desinflar minha surpresa

por um motivo que, para ele, fazia parte de sua conduta e pelo qual não caberia receber qualquer elogio: “eu sou acessível”.

Foi, e sabíamos que não poderia deixar de ser, uma tarde memorável de fevereiro. Antonio Candido nos recebeu com toda afabilidade à entrada de seu apartamento. Conversamos com o Mestre por mais de quatro horas. Desde as apresentações que fizemos de nós mesmos, de nossa atuação profissional e estudos, passando por preferências clubistas no futebol e anedotário de família, até o debate estético e questões candentes da atualidade social, política, econômica do mundo (com destaque para nosso fim de século brasileiro, como não poderia deixar de ser), foi imensa a variedade de assuntos da conversa. O contador de histórias, de causos, o intelectual sofisticadíssimo, o imitador de vozes e trejeitos, o memorialista da cultura brasileira, o professor que apenas conversa, mas nem por isso deixa de fazer exposições rigorosas e didáticas, transformando, provavelmente sem perceber, o bate-papo em aula notável, todos esses e outros mais compareceram na sala do apartamento situado na Avenida Joaquim Eugênio de Lima, naquela tarde. Todos atendiam pelo mesmo nome: Antonio Candido de Mello e Souza.

Candido nos contou muitos episódios e acontecimentos da vida cultural brasileira, extraíndo sempre de cada história, mesmo as de menor desenvolvimento, motivos para rir e/ou pensar. Passamos a conhecer facetas muito interessantes de Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Mário, Oswald de Andrade e tantos outros. Ao contar as histórias, dava para sentir a confiança na força de sua memória, o que também me impressionou muito. Era confiança inteiramente justificada. Em certos momentos, se não nos lembrávamos de certo título de livro, certo personagem ou algum trecho de obra ficcional, lá estava ela, aquela memória sempre pronta a garantir nosso socorro. A propósito, gosto do que Guimarães Rosa escreveu em *Grande sertão: veredas* sobre a tarefa de contar histórias, que é muito difícil “[n]ão pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares”. Já o narrador de um conto de Machado de Assis, “Um homem célebre”, assim considera a memória, que é, juntamente com a ambição frustrada, verdadeiro algoz do personagem Pestana: “velha cidade de traições”. Também a memória de Antonio Candido estava sujeita, claro, a tais dificuldades e traições. É verdade que em nossas conversas até ela parecia falhar às vezes, o Professor tinha certa dificuldade de lembrar em alguns momentos, pois enfrentava a não fixidez das coisas do passado. Mas eram raras essas ocasiões. E nesses momentos, quando não se lembrava de alguma coisa, parecia se incomodar como se não aceitasse a fugaz falha daquela que lhe era tão fiel.

Quanto a nosso convite para a palestra sobre *Formação da literatura brasileira* aos alunos da UFRJ, Candido aceitou de imediato. Não teve dúvida. Afinal, como nos disse, não poderia recusar uma iniciativa de professores que também eram alunos (de doutorado) para outros alunos. Além disso, tratava-se de falar numa universidade pública, o que para alguém como ele, professor por décadas em universidades públicas, era um motivo a mais para aceitar. Assim, alguns meses depois, em setembro de 1999, nos reencontramos na sua e também na nossa cidade natal, o Rio de Janeiro. Em auditório da

Faculdade de Letras da UFRJ, o livro quarentão foi devidamente apresentado, desde a ideia que o originou. Os estudantes, muitos deles, ficaram embevecidos. E não era para menos. Com oratória elegante, observações sempre argutas e esbanjando bom humor, o autor mostrou que *Formação* estava (e continua) em plena forma, com fôlegos para dar e vender.

Sempre generoso, Antonio Candido nos recebeu, a Luis e a mim, algumas outras vezes em sua residência. Em certa ocasião fomos acompanhados por nossos alunos e colegas da Faculdade de Letras; em outra oportunidade por nossos companheiros do grupo de pesquisa; em certo ano tornamos a visitá-lo com grupo diverso, do qual fizeram parte José Victor Regadas Luiz, outro grande amigo, e o já citado Victor Lemus. O brasileiro mais mexicano também esteve conosco em mais uma visita, ocasião em que tive o prazer de apresentar ao mestre minha esposa Larissa. Nós que não fomos infelizmente alunos de Antonio Candido, não imaginávamos que teríamos a sorte de viver algo dessa experiência. Pelo menos quanto a mim, quando penso nos cursos regulares que acompanhei na vida de estudante, concluo que dentre eles não foram muitos os que contribuíram para minha formação tal qual o fizeram todas aquelas conversas/aulas.

Como adiantei, iniciei certa maneira de manter correspondência regular com Antonio Candido. Foi precisamente em dezembro de 1999, próximo ao Natal. Movido pela gratidão, enviei-lhe um singelo cartão para agradecer por tudo o que nos proporcionara e desejar para ele e dona Gilda um feliz ano 2000. Sinceramente era apenas um modo de manifestar gratidão e expressar bons desejos. Não contava com resposta e considerava que Antonio Candido já tinha nos dispensado atenção demais para ainda incumbir-se de me enviar outra mensagem em retribuição. Mas foi justamente o que aconteceu. Um amável cartão assinado pelo Mestre chegou para mim em fevereiro de 2000 e, a contar dessa data, quando se inicia efetivamente nossa correspondência, até 2015 troquei mensagens com Candido, nas quais lhe desejava e recebia de volta o voto que em certa época renovamos: feliz Ano Novo.

E são esses cartões que me motivam a escrever agora. Na verdade, como não tenho cópia das mensagens por mim enviadas, escreverei sobre o que realmente importa: sentimentos, ideias e impressões que me suscitam os cartões de Candido, sempre que os releio. Guardo-os com o cuidado que merecem e já os reli várias vezes. Para tê-los à mão e escrever sobre eles, foram retirados da caixa onde os guardo e estão agora em uma de minhas estantes, precisamente em cima do livro fundamental, *Formação da literatura brasileira*, hoje sessentão a esbanjar vigor. Foi por causa dele, afinal, que tudo começou: nossas visitas ao Professor, minha correspondência com ele. Para mim, sempre foi um prazer reler seus cartões. Cultivo há anos o intento de escrever sobre eles. Faço-o agora e não tenho dúvida de que a inteligência do mestre fulgura a ponto de tornar interessantes para outros também, não apenas para mim, esses escritos circunstanciais e ligeiros. Acredito que o leitor concordará comigo.

Para ser preciso, o primeiro cartão de Antonio Candido que recebi data de 08/02/2000 e foi remetido em 10/02/2000. Leio no envelope os dados do destinatário, ou

seja, o pequeno conjunto de palavras necessárias para que a correspondência chegasse a minhas mãos. São identificações permanentes sobre mim: professor, nome completo. Mas há também o registro provisório de moradia, meu endereço naquela época: certo número e apartamento localizados na Estrada Velha da Pavuna, bairro de Del Castilho. Ao longo do tempo em que a troca de cartões foi o modo de “conversar”, a cada ano, com Candido, meu endereço teve de ser alterado cinco vezes. Circunstância inescapável para alguém como eu. Sem casa própria, sou residente transitório. Como se verá, morei em muitos lugares na cidade do Rio de Janeiro, da Zona Norte a Zona Sul, passando por bairros do Centro. Assim, ao ler de novo os registros nos vários envelopes, me dou conta de que os cartões de Antonio Candido testemunham também para mim, com a brevidade que é imperativa neles, deslocamentos ocorridos naqueles meus 15 anos de vida. Desde seus invólucros, mudam-se nos cartões certos registros do viver. Os endereços fazem pensar na vida que tive ora num bairro ora noutro. A recordação faz seu ofício: evoco muitos momentos em cada um desses lugares. Nas mensagens, veremos, outras mudanças pessoais mais significativas aparecem. Mas o foco não estará nessas principalmente, mas sim nas mudanças políticas do país.

Antonio Candido dá início aquela que seria, em nossa correspondência, sua mensagem inaugural, me agradecendo “pelos carinhosos votos”, assinalando ainda no cartão que lhe enviei “a evocação de nosso encontro tão agradável”. Logo faz referência ao mentor e artífice do encontro, o Luis Alberto, com quem tivera encontro “outro dia na homenagem a Barbosa Lima Sobrinho”, mas sem possibilidade de conversa. A seguir, faz dois pedidos, os únicos que nos fez nos cartões enviados. Primeiro pede-nos que lhe seja enviado o texto lido por Luis antes de sua palestra sobre *Formação da literatura brasileira* na UFRJ. Depois pede uma informação sobre o referido seminário realizado em outubro. Lembro que, lisonjeados, tratamos de atender ao Mestre pessoalmente, quando o visitamos pela segunda vez. Entregamos o texto e conversamos longamente sobre o evento acadêmico. A despeito de nossos esforços, fizemos exposição parcial, como são parciais as exposições sobre debates complexos. Ainda assim, creio que Candido ficou satisfeito, porque sua *Formação* esteve em ótimas mãos e foi por todos muito bem tratada.

O cartão inaugural termina com a retribuição de meus “auguri” (expressão por ele usada), que o Professor estende a minha companheira na época, Luciana. Enviada em janeiro de 2001, a segunda correspondência, bem mais sucinta, destinada exclusivamente a retribuir os bons votos, também se refere a ela. Diferentemente da primeira, dirigida a mim – “Caro João Roberto” –, a segunda dirige-se a nós dois – “Caros João Roberto e Luciana”. Assim fará Antonio Candido no terceiro cartão, apenas trocando, com a marca de certa afabilidade em relação às mulheres, a ordem dos nomes: “Caros Luciana e João Roberto”.

Lembro que os votos enviados nos meus cartões eram sempre votos do casal. Deixou de ser assim, claro, no interregno entre meu primeiro casamento e o segundo. A partir de certo ano, novas núpcias e os “auguri” voltaram a ser matrimoniais. Vejo que vivi, nesses quinze anos, mais tempo casado do que solteiro. Ora casado, ora solteiro,

continuei a enviar minhas mensagens de fim de ano e a receber as de Antonio Candido. Estas não deixam de registrar meu primeiro casamento, minha solteirice provisória, a que ele se referiu como “novo estado”, e minhas segundas núpcias.

Embora eu não tenha, como já disse, cópia do que escrevi, posso assegurar que sempre manifestava o desejo de Ano Bom à dona Gilda também. Por isso, o uso da primeira pessoa do plural é frequente em parte das respostas de Candido. Datado de janeiro de 2002, seu terceiro cartão traz acréscimo de amabilidade ao escrever o nome da autora de *A ideia e o figurado*, a finíssima ensaísta e sua consorte: “Abraços afetuosos de Gilda e Antonio Candido”. E no envelope registra-se outro endereço deste destinatário: rua Décio Vilares em Copacabana.

A mensagem do mestre naquele ano, em resposta a algum comentário de cunho político que fiz em meu cartão, tratava do país. Não por acaso citava uma expressão sobre a pátria que está em “Louvação da tarde” de Mário de Andrade, cuja poesia tornava o tema do Brasil quase obsessivo, como observou certa vez o próprio Candido no ensaio “O poeta itinerante” (*O discurso e a cidade*). Na correspondência, o tom era otimista, mas sóbrio, quanto ao nosso futuro como nação. A escrita exígua do cartão alinhavava a imensidade da tarefa de mudar o país e as esperanças coletivas. Estas, se devidamente conjugadas à força da luta, podem “mover mais do que as montanhas: a mente dos homens”. Lembremos que o ano era de eleição para a presidência da República. Cogitações favoráveis a mudanças diziam respeito às boas chances de o maior partido de esquerda, de que Antonio Candido foi um dos fundadores, triunfar finalmente. Em país conservador, dos mais desiguais do mundo, com toda a iniquidade de seu sistema de relações sociais, apenas a probabilidade de eleição de um ex-operário como Lula, um líder popular de sua envergadura, não poderia deixar de ser alvissareiro para quase toda a esquerda, não obstante nossas invencíveis divisões. Entretanto, o juízo político tem de se haver com dificuldades colossais e, por isso, Candido disciplina a esperança com o devido pé-atrás, como o discernimento sobre a realidade do país recomenda colocar. Assim, manifesta confiança, mas faz citação que traz neologismo com que o autor de *Macunaíma* refere-se, no poema citado, à “nação inorgânica”², cuja transformação impõe desafio imenso: “Quem sabe o ano novo será mesmo a grande oportunidade para começar a mudança desta ‘pátria despatriada’, como diria Mário de Andrade!”.

A conjuntura política do país também constitui a tônica das linhas escritas por Antonio Candido em janeiro de 2003 aos “caros amigos Luciana e João Roberto”. Consumada a eleição de Lula, o grande crítico permite-se fazer conjecturas das quais o otimismo era, e tinha de ser, parte constitutiva. Refere-se a meu cartão, o qual “lembra o cunho peculiar desse novo ano”, “prova dos nove para o partido a que pertencemos” (na época eu também assim me considerava em relação ao PT). Um desafio inédito para este impunha-se: cabia-lhe provar estar à altura do movimento que o levou ao governo do país – “porque ele liderou uma grande virada política”, nas palavras de Candido. Como não divisar a renovação a partir de tal virada? Como não cogitar o possível surgimento de

² Essa expressão é de Antonio Candido em “O poeta itinerante”.

“uma fase verdadeiramente renovadora para o Brasil”? Entretanto, a compreensão da tarefa ingente que a eleição impunha ao PT, a “prova dos nove” para o partido, já colocava na pauta, a despeito do nível de otimismo, eventual governança contrária a aspirações caras ao intelectual de esquerda. Mesmo que Candido não explicitasse isso, ao apontar o desafio a enfrentar, permite inferir que o PT poderia mostrar-se aquém dele. Indaga a seguir sobre certas possibilidades de um projeto transformador: suas condições de efetivação e seus óbices têm de ser postos na realidade muito estratificada da sociedade brasileira. Ao fazer a pergunta, ele expressa também a necessidade de ampliar apoios, construir pactos sociais para avançar: “Será que os setores mais esclarecidos das classes dominantes e das classes médias compreenderão o esforço encarnado em Lula, e aceitarão o advento das classes dominadas a um patamar mais humano?”. Não digo que a indagação derive claramente de ideias expostas anteriormente por Antonio Candido, mas ela traz certo eco de suas reflexões em “Radicalismos”. Neste ensaio muito conhecido, o crítico concebe o radicalismo como “o conjunto de ideias e atitudes formando contrapeso ao movimento conservador que sempre predominou”; trata-se do radicalismo gerado justamente nas frações das classes dominantes e classes médias com maior esclarecimento. Por sua extração de classe, o radical “não representa os interesses finais do trabalhador”, mas “em países como o Brasil (...) é capaz de avançar realmente, embora até certo ponto”, “serve à causa das transformações viáveis em sociedades conservadoras como a nossa”. Claro que um projeto como esse, que visa transformar a estrutura de um país tão marcado pela injustiça como o nosso, não pode ficar dependente de compreensão e aceitação dos esclarecidos daquelas classes e estratos sociais. Na verdade, Candido sugere que se trata de apoios, alianças importantes para nossa aproximação, em “novas etapas mais avançadas”, do “alvo, que é a sociedade igualitária”. Ou seja, as mutações almejadas pelo intelectual de esquerda vão além, exigem novas etapas, às quais não se chega, podemos acrescentar, sem muita luta social. No cartão anterior, lembremos, o liame entre esperanças coletivas e a força da luta foi devidamente assinalado pelo Professor. No cartão que ora comento, a necessidade de juntar esforços e lutar está subtendida na singela exortação ao final: “Vamos dar as mãos e avançar!”.

O quinto cartão chegou pouco mais cedo, ainda no ano de 2003, mês de dezembro. E já o recebi em novo endereço: rua Almirante Alexandrino no bairro de Santa Teresa.

Com toda certeza, como manifestei minhas inquietações sobre o momento político do Brasil, ansiando pela palavra do Mestre, ele não deixou de me atender e, solícito como era, fazer suas observações a respeito do momento em que “tudo está preocupante”. Relendo esse cartão hoje, me espanta o salto do otimismo manifestado no início de 2003 (otimismo contido, é verdade, que olha para onde pisa) para a situação de quem tenta entender o presente, no final daquele mesmo ano, e, expectante, tem dúvidas, preocupa-se. Candido esclarece que, “embora afastado das atividades partidárias desde a eleição de Lula”, não se sente “desligado nem a coberto de dúvidas”. Mas está muito velho, diz ele, para ter novas esperanças, cabendo-lhe apenas manter vivas aquelas que já o acompanham. Após a manifestação de suas próprias apreensões e o que vê como limitação da idade, Candido passa a outra ordem de considerações, de cunho histórico, as

quais dizem respeito ao país: “por cima das nossas convicções, o Brasil tem um estranho ritmo de avançar recuando, desde o tempo do Império, quando os conservadores realizavam as aspirações dos liberais”. Assim, no que acontecia àquela altura, o fim do ano em que o PT ascendera ao poder, haveria recuo em face da renovação que, em maior ou menor grau, esperávamos (embora tal recuo estivesse de acordo com compromissos assumidos na campanha, como atestava a “Carta ao Povo Brasileiro”, acrescento). Lembremos: nessa primeira fase do governo Lula, que para André Singer estende-se até 2005 (*Os sentidos do lulismo*), foram tomadas medidas do receituário neoliberal para garantir a “estabilidade” da economia e “tranquilizar” o capital em escala superior ao que se praticou no segundo governo FHC. No entanto, isso talvez não devesse significar o aniquilamento da esperança, parecia indicar o lembrete de caráter histórico de Antonio Candido O avanço poderia estar em germen, repondo o “estranho ritmo” do país, não obstante a dificuldade de divisar as tendências progressistas naquelas circunstâncias. “Por tudo isso, continuo na expectativa”, ele escreveu. Mesmo que os tempos, para os ideais socialistas do Mestre, não fossem lá muito favoráveis, e não apenas no Brasil: “nessa era de socialismo em mudança de pele e muita perplexidade”.

A manutenção da expectativa não elide a dúvida e a preocupação que desassossegam, como se vê. Ao contrário, no fim das contas, há equilíbrio lúcido entre aquelas disposições de espírito contrastantes. De todo modo, o governo do PT estava ainda nos seus inícios, o que tornava quaisquer avaliações muito provisórias evidentemente. Portanto, penso que o ponto de vista e os sentimentos do Professor naquele momento são defensáveis, mas ele encerrava sua mensagem com autoironia sobre seu modo de ver: “Talvez seja a esclerose fatal das ideias, tão frequentes nos velhos...”.

Meus cartões foram enviados no mês de dezembro, sem exceção, e Antonio Candido respondeu no início de cada ano, em janeiro. Como já ficou registrado, a mensagem que acabei de comentar chegou antes, no final do ano. Foi exceção única. O padrão da correspondência seria retomado a seguir e não seria mais quebrado até o final. Assim, em dezembro de 2004, do alto de Santa Teresa, foi despachado mais um cartãozinho para o Jardim Paulista, onde o Mestre residia. Em resposta, outra mensagem partiu em certo dia de janeiro de 2005 do bairro paulistano com destino à Cidade de São Sebastião (ou Sebastianópolis, como a chamou Adelino Magalhães), subiu pelas ruas de Santa Teresa e me chegou às mãos em algum dia de janeiro de 2005. Daquela vez, porém, os bons votos para o ano que começava apareceram em exemplar de seu livro *O albatroz e o chinês*, que a editora Ouro Sobre Azul lançara em 2004. Eu já me acostumara a ler um amável cartão de Antonio Candido a cada ano, mantendo expectativa prazerosa antes de recebê-lo. Mas sua afabilidade se fez naquela ocasião em dose dupla: além dos votos de Ano Bom, recebi o livro referido. Quanto à mensagem, mais curta, expressava agradecimento pelos votos e os retribuía, desejando-me “um ano de bom trabalho e realizações, no novo estado”. Relendo-a, recordo que em 2004 meu primeiro casamento chegara ao fim, após nove anos de convívio fundamental na minha vida e, arrisco dizer, na de Luciana Tricai Cavalini também. Afetos e companheirismo construídos sustentam ainda hoje nossa amizade, apesar da distância e dos raros reencontros. Pois é, findo o

enlace, depois de quase uma década, eu me preparava para viver sozinho o ano que principiava. Estava solteiro, era meu “novo estado”, como me lembrava Antonio Candido.

Meu cartão de 2005 ficou sem resposta. Nem poderia ser diferente. Em 25 de dezembro daquele ano falecia dona Gilda, companheira do Mestre desde 1943. A notícia me consternou. Há muito admirava a notável ensaísta. Tive a chance de conhecê-la na primeira visita a Candido. Eu a vi apenas uma vez. Foi muito simpática, mas permaneceu por escassos minutos na sala. Tomou pequena parte na conversa e logo se retirou. Nós, Luis Alberto e eu, queríamos falar muito mais com dona Gilda, mas ela, discreta diante daqueles que foram conversar com seu marido, não voltou mais, tampouco em nosso segundo encontro.

Entre o Natal e o réveillon, assim como em janeiro de 2006, pensei várias vezes na dor do Mestre e de sua família. Quis escrever e enviar outra mensagem ainda em 2005, expressando meus sentimentos. Mas decidi esperar. Muitas vezes o luto exige o silêncio. Pelo menos enquanto a perda faz doer sem medidas. Enquanto a dor é soberana. Lembrei minhas próprias experiências, nas quais preferia silenciar quando tomado pelo pesar da partida irreparável de alguém. Assim pensei e somente após alguns meses redigi outro cartão, este de pêsames, para Antonio Candido. A resposta veio em cartão datado de 4 de abril de 2006, no qual está impresso: “A família de Gilda de Mello e Souza agradece sensibilizada”. Abaixo dessa mensagem impressa, as palavras manuscritas do Professor: “Caro João Roberto: muito obrigado pelas suas boas palavras de amizade e conforto. Abraço do Antonio Candido”.

Outro envelope remetido pelo autor de *Literatura e sociedade* chegou-me às mãos em 2007. Diferentemente das outras vezes, não recebi um cartão, mas uma carta. Pequena, ocupando apenas um dos lados do papel, todavia mais extensa do que os escritos anteriores. Provavelmente porque ele desejasse demonstrar sua satisfação com certa notícia que constava de minha mensagem. Dizia respeito a projeto de pesquisa que eu tencionava desenvolver. Informava ainda que os livros de Candido estavam entre as principais inspirações do projeto. Ele, renomado estudioso, “um intelectual exemplar” (Roberto Schwarz), para muitos (inclusive para mim, claro) o maior crítico literário do país, não deixava de expressar contentamento pelo fato de sua obra contar tanto para a investigação de um jovem professor, cujo título de doutor era ainda recente: “Fico muito feliz por ver que o meu trabalho pode ajudar nessa empreitada”.

Tenho certeza de que também manifestei em meu cartão satisfação pelo relançamento de seus livros em edições bem cuidadas, pois Antonio Candido se refere à iniciativa de Ana Luisa Escorel, a filha que “criou uma pequena editora aí no Rio”, a já citada *Ouro Sobre Azul*³. A cartinha junta postura dubitativa quanto à atualidade de sua obra (a despeito das evidências em contrário) e o reconhecimento do caprichado trabalho que “os livros do pai” vinham recebendo da editora da filha. E encerra do seguinte modo,

³ Aliás, registro que, provavelmente neste mesmo ano de 2007, recebi cordialmente de Ana Luísa Escorel um exemplar de *Formação da literatura brasileira* em atendimento a pedido de Antonio Candido.

referindo-se aos livros de sua autoria: “Creio que eles ainda se mantêm por ‘impulso adquirido’, e me pergunto se já não estão muito superados. Mas se tiverem de servir ainda por algum tempo, que seja em boas condições editoriais”.

Datado de 10/01/2008, recebi cartão, minúsculo daquela vez, no qual está impresso o nome completo do mestre. Nele há referência a outra visita que lhe fizemos, Luis Alberto e eu, no ano anterior. Além disso, agradece meus “bons votos” e os retribui “cordialmente”, desejando “um novo ano feliz”. Bem, já tínhamos conversado muito recentemente, o que talvez explique a mensagem mínima.

O carimbo do correio registra a data de 08/01/2009 no envelope que me chegou às mãos em novo endereço: Avenida Paulo de Frontin, bairro do Rio Comprido, localizado na região central da cidade, assim como Santa Teresa. Destaco na mensagem, o agradecimento que me fez por meu “amável exagero”. Candido assim qualifica algo que escrevi e de que bem me recordo. Manifestei sinceramente minha admiração e afirmei que ele era o maior intelectual brasileiro. Também vale destacar que me agradece “pelos parabéns”. Com prazer, no meu cartão de 2008 eu o felicitei pelos 90 anos cumpridos. Por sua longevidade e pelo fato de a maior parte de seus livros ter sido escrita há várias décadas, nosso “crítico central” (como um jornal de São Paulo o qualificou por ocasião de seus 80 anos) dizia às vezes, pelo menos nos disse em duas conversas, que se considerava já um antepassado, como o personagem do romance *Os Maias* de Eça de Queiroz, Afonso da Maia. Da primeira vez que disse isso, lembro-me de nossas negativas. Foram veementes, mas parece que não o impressionaram muito, já que o eco queiroziano retornou mais uma vez ao menos. Mas sempre fazíamos questão de afirmar o contrário. Por exemplo, visitamos Antonio Candido com parte de nosso grupo de pesquisa Formação do Brasil Moderno para expor ambicioso projeto que tínhamos: escrever uma nova história da literatura brasileira. Fizemos questão de escutar o que teria a dizer sobre o projeto o mais insigne historiador literário do país. Porque para nós *Formação da literatura brasileira* continuava (e continua) a ser farol. Infelizmente, por diferentes motivos, a ideia não passou daquela categoria de “ideia sem pernas” do Bentinho machadiano. Se não foi avante o propósito, não foi por falta do incentivo ilustre do Professor. Foi imenso o estímulo à empreitada que recebemos de Candido.

O cartão de 2010 é curto, nada acrescenta à retribuição afetuosa do que desejei para a vida do Mestre naquele ano. Já na mensagem de 2011, ano do primeiro governo de Dilma Roussef, Candido volta a manifestar “esperança no país, que parece caminhar para a frente na medida de um possível que está longe do ideal mas parece disposto a levá-lo em consideração”. A formulação é interessante: a esperança existe, porque parece que o país continua a avançar, mas é comedida, pois restrita ao que está distante do ideal, sem que este deixe de ser considerado. Parece-me defensável a seguinte interpretação que faço, arriscando formular mais extensamente o que está apenas sugerido na enunciação sucinta: nos dois primeiros governos petistas, houve avanços sociais, limitados embora (o “reformismo fraco”, acrescento, para usar a feliz expressão de André Singer). Se o que foi possível até ali está longe de certo ideal de esquerda, este talvez se mantenha e dê algum norte, contudo. Afinal, o PT continuava no poder, Lula fizera sua sucessora,

terminara o segundo mandato com aprovação altíssima, principalmente entre os mais pobres, beneficiários da ampliação do emprego formal, da melhora do salário mínimo, da maior abrangência do programa de transferência de renda, do combate à miséria.

O cartão de 2012 está datado de 04/01. O envelope informa o novo endereço deste morador provisório: rua das Laranjeiras, no bairro da Zona Sul do Rio também chamado Laranjeiras. A mensagem registra ainda outra mudança, muito mais importante do que a domiciliar. Anunciei a Candido que gostaria de lhe apresentar, em nossa próxima visita, minha nova esposa, Larissa Santos Carneiro da Cunha. Chegara ao fim minha solteirice. Enfim. Não em 2012, mas três anos antes. Foi numa fila de teatro, início de 2009, mais precisamente na Casa de Cultura Laura Alvim, bairro de Ipanema, que nos conhecemos. Se não me recordo do título da peça, que era de Domingos Oliveira, lembro que desde então não reclamo mais de esperar em filas, quaisquer que sejam. Meu gosto pelo teatro aumentou muito a partir daquela noite. Pois se não fossem essas duas admiráveis invenções humanas, o teatro e a fila de teatro, eu não teria conhecido aquela que me acompanha há 11 anos.

Voltando à mensagem de Candido, dela transcrevo algumas palavras amáveis: “Terei o maior prazer em receber a sua visita, sobretudo, ou inclusive, por ser a oportunidade de conhecer sua senhora. Para um velho que mora só, como eu, as visitas dos bons amigos são um prêmio. (...) O nome de sua senhora é parônimo do de minha mãe, que era Clarice, e de uma neta, advogada aí no Rio”. E ela gosta muito quando leio em voz alta o trecho citado, a “minha senhora”, imitando como soava para mim o modo como Antonio Candido pronunciava, e que me agradava muito: algo como “schinhora”.

Larissa não apenas o conheceu, conversou bem com ele, como ainda recebeu um grande presente. Respondendo a uma pergunta de Candido, minha esposa disse que trabalhava à época com moda, numa boutique de Ipanema. Foi o bastante para ser presenteada com o livro *O espírito das roupas* de dona Gilda, com direito a dedicatória: “Para Larissa, lembrança afetuosa do Antonio Candido”.

Num pequeno papel pela segunda vez, e não no cartão como quase sempre, chegou-me mais uma correspondência do grande crítico, datada de 11/01/2013. Nesta há agradecimento a mim e a meu amigo já tantas vezes citado: “Obrigado também pela generosidade com que você e Luis Alberto apresentaram o meu trabalho aos chilenos. Sinto-me feliz e honrado”. A apresentação referida aconteceu no II Seminário Los Marxismos del Siglo XXI, que se realizou na capital chilena e em Valparaíso, no ano de 2012. Fizemos a exposição intitulada “Antonio Candido: um capítulo da crítica materialista no Brasil”. Para mim, e creio que para Luis Alberto, foi uma das melhores experiências em eventos acadêmicos (no caso, um evento bastante político também). Primeiramente encaramos como desafio falar em seminário inteiramente dedicado aos marxismos de um intelectual como Candido. Como sabemos, a afinidade com o marxismo em seus escritos é inegável. Seus grandes ensaios não deixam dúvida quanto à inspiração materialista. Divisões de classe e exploração contam muito no trabalho dele, o que é inteiramente coerente com a militância socialista que teve. Entretanto, o crítico nunca

fez praça de terminologia marxista e em certo sentido, como explicou Roberto Schwarz, seus grandes estudos dialéticos estão em atrito com a crítica literária de autores marxistas como Georg Lukács e Lucien Goldmann (procuram identificar pontos problemáticos na crítica desses autores para superá-los). Ou seja, não deixava de ser um desafio a tarefa de falar sobre Antonio Candido para um público interessado em marxismo e cuja grande maioria talvez não conhecesse ou conhecesse bem pouco sua obra.

Nossa exposição foi elaborada com o objetivo de proporcionar certa visão de conjunto da obra candidiana, frisando na medida do possível sua força materialista. A limitação de tempo e a importância fundamental de *Formação da literatura brasileira* foram as razões pelas quais decidimos dedicar a maior parte de nossa fala à *magnum opus* de Candido. A outra razão, tão importante quanto à grandeza do livro dentro da obra, derivou de avaliação segundo a qual *Formação* deveria ter certo ar de família para os chilenos, já que o estudo que fez Antonio Candido sobre o processo histórico de constituição de nosso sistema literário tem abrangência para entender a formação da literatura e a progressiva organicidade da vida cultural em países latino-americanos, ex-colônias como o Brasil, sem prejuízo de suas diferenças.

Um auditório grande nos foi reservado na principal Biblioteca Nacional de Santiago, onde aconteceu a parte do seminário programada para a capital. De passagem, diga-se que o evento foi bem divulgado, pois até no metrô encontramos seus anúncios. Entre propagandas de mercadorias e cartazes de shows, divulgação de discussões sobre marxismo no metropolitano! Mas sinceramente achávamos que nosso debate não seria dos mais concorridos, porque haveria outros simultâneos sobre a atualidade do próprio Marx e de célebres autores marxistas. Tínhamos outro motivo para pensar assim: não obtivemos informações sobre a existência de edições chilenas de livros de Antonio Candido e levamos em consideração a possibilidade de não haver nenhuma. É verdade que nosso companheiro na mesa, um rapaz argentino, creio, falaria sobre um intelectual mundialmente famoso, o Sartre, o que talvez favorecesse maior afluência de público. Mas não ficaria lotado aquele auditório grande. Assim pensamos.

Não foi pequena nossa surpresa quando verificamos que o auditório lotara, sim. A expectativa de baixa audiência logo deu lugar à responsabilidade de dar conta da tarefa diante de um público numeroso: fazer exposição segura da obra de Candido, principalmente no momento do debate em espanhol, sem deixar que nosso desempenho oral na língua de Cervantes, longe de ideal, dificultasse muito a inteligibilidade. Fiquei tenso, diferentemente do Luis Alberto, tranquilo que só, me parecia; ele é geralmente mais relaxado do que eu em ocasiões como aquela.

Findas as exposições, nova surpresa: desde o princípio do debate, muito mais perguntas nos foram dirigidas do que a nosso companheiro de mesa. Antonio Candido goleava Jean-Paul Sartre! Foram várias as indagações sobre essa “história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura”, com interesse genuíno. De nossa parte, acho que oportunhol deu para o gasto, fomos compreendidos.

A avaliação que fizemos anteriormente acerca do alcance latino-americano da *Formação da literatura brasileira* confirmou-se por completo. Parte de nossos interlocutores chilenos apontou afinidades decisivas e alguns lamentaram o absurdo desconhecimento dos livros de Antonio Candido no Chile, notadamente a *Formação*.

Luis Alberto e eu ficamos muito contentes com a receptividade chilena ao trabalho de nosso crítico central. Comemoramos depois, almoçando num bom restaurante peruano de Santiago; e achamos merecido nosso brinde com um bom pisco. Recebemos inclusive convite para publicar nosso texto em espanhol no Chile, o qual foi aceito. O artigo saiu em *Debates sobre marxismo: continuadores, crisis del capital e izquierda*, livro editado e organizado, entre outros, por Paula Vidal, uma das pessoas responsáveis pelo seminário. Tudo muito justo com Antonio Candido, afinal trata-se de intelectual que afirmou ser 50% marxista em momentos de menor acirramento da luta de classes e 90% marxista em períodos de ditadura. Ou seja, trata-se de marxismo para ninguém botar defeito.

O penúltimo cartão recebido traz a data de 13/01/2014 e chegou dentro de envelope do qual constava a derradeira alteração de endereço registrada nessa pequena história de minha correspondência com Antonio Candido. Daquela vez, a mudança foi mínima, apenas no número do apartamento, que fica no mesmo andar do anterior. Mudamo-nos dos fundos para a frente do prédio.

No plano da política, refere-se o Mestre a meus votos eleitorais, que são os dele, e a minhas decepções, que também são as suas, conforme me diz. Nada me recordo do que eu escrevi em meu cartão, mas a alusão a desapontamentos indica percepção nossa e dos progressistas de que a maré política começava a virar desfavoravelmente. No ano que começava haveria eleição para a presidência e em outubro Dilma Rousseff seria reeleita, depois de uma campanha dura, com vantagem apertada sobre o candidato da direita. A crise que seria instalada a partir do ano seguinte tornou-se mais vultosa em 2016 e lastimavelmente resultou na catastrófica eleição de 2018. Mas ainda estávamos em 2014 e Candido diz aguardar a visita que ainda lhe faríamos em fevereiro daquele ano.

Minha prezada e (inesperadamente) duradoura troca de mensagens com Antonio Candido completou-se no ano posterior. Naquele 15º aniversário da correspondência, em janeiro de 2015, recebi o último cartão, enviado coincidentemente em 15 de janeiro. Na comunicação derradeira há certo desajuste entre as boas coisas desejadas para o ano iniciante e certos rumos do Brasil. O Professor nos deseja, a Larissa e a mim, “um ano de paz e bom trabalho, apesar do que há de lamentavelmente negativo na situação do país e no ministério, onde poucos membros dão um pouco de esperança (como o nosso excelente companheiro Patrus Ananias)”. Já na formação do ministério o segundo governo de Dilma Rousseff começava a extraviar-se das energias progressistas que foram decisivas para sua vitória. Principalmente a escolha para conduzir a economia, Joaquim Levy, economista de perfil liberal e de confiança do mercado financeiro, ensejava a crítica ao estelionato eleitoral, que só recrudesceria. Levy bem poderia ser ministro do candidato derrotado, Aécio Neves. Iniciava-se ali a erosão do apoio de esquerda ao quarto governo do PT (apoio robusto durante a campanha, principalmente no segundo turno, para evitar

que o PSDB voltasse ao governo). Este foi apenas um entre outros equívocos da presidente que viriam em sequência. Preocupávamo-nos. Preocupava-se Antonio Candido. E ele termina a mensagem com uma citação que não conheço e não consegui localizar: “Mas, como dizia o sábio Capistrano de Abreu: ‘Quanto ao Brasil, não há nada que possa salvá-lo – ou perdê-lo’...”.

O Professor escreveu a seguir as palavras finais do cartão, com as quais se encerra nossa correspondência: “Abraço amigo do Antonio Candido”. Por toda a admiração que cultivo por Antonio Candido desde que comecei a ler seus livros, essas e outras palavras dele, no modesto circuito comunicativo que mantivemos, não poderiam deixar de significar muito para mim. Certamente bem mais poderia ser dito sobre as cinco visitas ao apartamento da Avenida Joaquim Eugênio de Lima, mas paro por aqui. Escreveremos talvez, Luis Alberto e eu, sobre aqueles encontros. Quem sabe? Vale a pena, não há dúvida. Pelas razões que expus, quis escrever sobre as mensagens enviadas em 15 cartões e numa página de livro. Que este texto seja uma singela e sincera homenagem ao Professor e Mestre Antonio Candido de Mello e Souza.